

**UNIVERSIDADE ESTADUAL DE GOIÁS  
CÂMPUS PIRES DO RIO  
LICENCIATURA EM HISTÓRIA**

**MÁRCIA MARILHA TAVARES FREITAS**

**PROFESSORES FORMADORES E PROFESSORES EM FORMAÇÃO: Um  
Entrecruzamento Entre a Vida Pessoal e Profissional Destes Sujeitos (2000 a 2007)**

**PIRES DO RIO-GO**

**2017**

MÁRCIA MARILHA TAVARES FREITAS

**PROFESSORES FORMADORES E PROFESSORES EM FORMAÇÃO: Um  
Entrecruzamento Entre a Vida Pessoal e Profissional Destes Sujeitos (2000 a 2007)**

Monografia apresentada à Banca de  
Qualificação, como requisito parcial para a  
obtenção do grau de Licenciada em História,  
sob a orientação do Prof. Me. Rubislei Sabino  
da Silva.

**PIRES DO RIO-GO**

**2017**

## RESUMO

O sucesso da educação depende, diretamente da qualidade dos profissionais que estão à frente da mesma, entre eles, o professor, que investe não apenas em um processo de formação inicial, mas também na formação continuada, para sempre melhorar sua prática. Diante desta questão, busca-se analisar as diferentes perspectivas dos professores em formação e também de professores formadores que participaram da proposta de formação conhecida como “Parcelada”, ministrada pela Universidade Estadual de Goiás (UEG). Assim sendo, propõe-se analisar a história de vida de professores formadores e em formação, utilizando para isto o conceito de aprendizagem ao longo da vida. O recurso metodológico utilizado para a elaboração da pesquisa foi, inicialmente a revisão bibliográfica, discutindo o processo de formação docente a partir da perspectiva da aprendizagem ao longo da vida, onde se destacaram referências como Alheit (2006), Nóvoa (2004), Bragança (2012), dentre outros autores. Posteriormente, busca-se através da oralidade em forma de entrevistas conhecer o percurso de formação que os professores tiveram dentro do curso de formação da “Parcelada” e também daqueles que ministraram aulas nesse curso, compreendendo diferentes experiências desenvolvidas, buscando evidenciar se houve dificuldades nesse processo, as limitações enfrentadas, as aprendizagens e as práticas desenvolvidas por esses profissionais.

## SUMÁRIO

<b>INTRODUÇÃO.....</b>	<b>05</b>
<b>1 HISTÓRIA DE VIDA E FORMAÇÃO DOCENTE.....</b>	<b>10</b>
1.1 Formação de Professores no Brasil.....	10
1.2 Eu pessoal x eu profissional: um Estudo sobre a Formação Docente.....	11
<b>2 FORMAÇÃO E HISTÓRIA DE VIDA .....</b>	<b>23</b>
2.1 A Perspectiva dos Professores em Formação.....	23
2.2 O Olhar dos Professores Formadores .....	29
<b>CONSIDERAÇÕES FINAIS.....</b>	<b>33</b>
<b>REFERÊNCIAS.....</b>	<b>35</b>

## INTRODUÇÃO

A formação docente é uma área importante da educação, tendo em vista que o sucesso do processo ensino e aprendizagem também depende da qualificação do professor junto a esse processo. Assim, há tipos diferenciados de cursos que promovem a qualificação e formação docente, entre eles, o projeto Licenciatura Plena Parcelada (LPP<sup>1</sup>) que foi criado no interior de Goiás no ano de 1999, visando capacitar professores da Educação Básica que embora exercendo a docência não possuíam um curso de Licenciatura (SILVA, 2015). Muitos já atuavam na Educação Básica tendo no máximo ensino médio e, precisavam de uma formação a nível superior, como determina a Lei de Diretrizes e Bases da Educação (LDB), nº 9394/96 em seu artigo 62:

A formação de docentes para atuar na Educação Básica far-se-á em Nível Superior, em curso de licenciatura, de graduação plena, em universidades, institutos superiores de educação, admitida como formação mínima para o exercício do magistério na educação infantil e séries iniciais do ensino fundamental, a oferecida em nível médio, na modalidade Normal (BRASIL, 1996, p.20).

Foram ofertados diversos cursos na modalidade “Parcelada”, todos com duração de três anos, tendo aulas aos finais de semana e nos períodos de férias escolares. Com isso, os professores da Educação Básica teriam condições de concluir o curso superior (Licenciatura) e continuar trabalhando, mesmo diante de possíveis dificuldades encontradas no decorrer do curso.

A instituição responsável por essa modalidade de ensino foi a Universidade Estadual de Goiás (UEG) e “teve papel importante junto à formação de diversos professores do interior de Goiás” (SILVA, 2015, p.68), a exemplo, do curso de História ofertado na Unidade Universitária de Pires do Rio, hoje Câmpus Pires do Rio<sup>2</sup>.

O interesse por esse tema surgiu inicialmente por ter ingressado em outros cursos superiores e não tê-los concluído e mesmo percebeu-se o quanto era importante e necessária

---

<sup>1</sup>No período de 2001 a 2009 a Universidade Estadual de Goiás qualificou 28.728 alunos em cursos de licenciatura plena parcelada nas áreas de Letras, História, Geografia, Pedagogia, Matemática, Educação Física e Biologia. Assinou vários convênios destinados a oferecer a Licenciatura Plena Parcelada, entre eles com a Secretaria Estadual de Educação, diversas Secretarias Municipais de Educação e com órgãos particulares.

<sup>2</sup>Pires do Rio, Estado de Goiás. O município com 28 691 habitantes, segundo o último censo, se situa 147km de Goiânia e 235 km da capital federal Brasília. Situado a 755 metros de altitude, Pires do Rio tem as seguintes coordenadas geográficas: Latitude: 17° 18' 2" Sul, Longitude: 48° 17' 1" Oeste (Município de Pires do Rio. Disponível em <<http://www.cidade-brasil.com.br/municipio-pires-do-rio.html>>. Acesso em 18 de novembro de 2017.

pensar a formação docente. Posteriormente foi uma ideia fortalecida durante as aulas da disciplina de Seminário e Projeto de Pesquisa, no 3º ano do Curso de História e devido à necessidade da escrita do projeto, esse desejo aguçou ainda mais a curiosidade sobre o tema. Foi, porém, ao procurar um tema e uma orientação para o Trabalho de Conclusão de Curso (TCC) que tive o contato com a dissertação do professor Rubislei Sabino da Silva que refletia sobre a formação docente, adotando assim, essa temática para esta pesquisa.

Analisando as possíveis contribuições desta pesquisa para o curso de História, cita-se o fato de que o objetivo deste curso é formar professores (tendo formato de licenciatura), sendo assim, é de suma importância que sejam propiciadas oportunidades para refletir como esses profissionais têm sido formados, sobre as perspectivas trazidas pelos cursos, as possíveis lacunas a serem preenchidas e o impacto do primeiro contato desses professores com a sala de aula.

Observa-se a existência de quatro pesquisas referentes a essa área no Câmpus Pires do Rio, cada uma com sua própria perspectiva, assim como se pode visualizar no quadro 02:

<b>Pesquisa</b>	<b>Perspectiva</b>
Campos (2013) - “HISTÓRIA DE VIDA DE PROFESSORAS APOSENTADAS”.	Uso da biografia narrativa. O objetivo da pesquisa era conhecer a trajetórias de vida dessas pessoas, seu processo de formação e ainda como a docência entrou em suas vidas.
Lopes (2014) - “PROFESSORES APOSENTADOS: Lembranças do Magistério Exercido na Zona Rural”.	Partiu da mesma perspectiva, porém, modificando o recorte espacial para a área rural.
Barbosa (2015) - “HISTÓRIA DE VIDA DE PROFESSORES (2015): Aposentado, Atuante e Desistente - em Palmelo-Goiás”	Ocorre uma ampliação, já que lançou um olhar não somente sobre os professores que haviam aposentado, mas sobre aqueles que estavam em sala de aula e os que haviam desistido da profissão.
Matos (2016) - “A VIDA ME LEVOU A ISSO, E EU GOSTEI - história de vida de uma professora aposentada”.	Enfatizou o trabalho a perspectivas de uma só profissional da educação.

Em relação a estas pesquisas já realizadas sobre a formação de professores, busca-se apresentar um diferencial em relação às demais, uma vez que seu olhar sobre professores formadores e em formação, o que é algo que outras pesquisas não analisaram, além disto, traz-se a perspectiva do município de Urutaí<sup>3</sup> (GO), que ainda não foi foco de pesquisas relacionadas com essa temática. Em relação ao recorte temporal e espacial será o período

---

<sup>3</sup>Urutaí, Estado do Goiás. Os habitantes se chamam urutaínos. O município se estende por 626,7 km<sup>2</sup> e contava com 3 058 habitantes no último censo. Vizinho dos municípios de Ipameri e Pires do Rio, Urutaí se situa a 20 km a Sul-Leste de Pires do Rio a maior cidade nos arredores. Localiza-se a 168km da capital estadual Goiânia e 262km da capital Federal Brasília (Município de Urutaí. Disponível em <<http://www.cidade-brasil.com.br/municipio-urutai.html>>. acesso em 19 de outubro de 2017).

entre os anos de 2000 a 2007 que foi quando o Câmpus Pires do Rio ofertou essa modalidade de ensino aos professores, sendo estes o foco das entrevistas que darão respaldo à pesquisa.

Objetiva-se dessa forma analisar o processo de formação propiciada pela Parcelada, através de dois professores egressos do curso de História, residentes em Urutaí, hoje aposentados e que atuaram na educação básica. Também serão ouvidos dois professores que ministraram aulas nesse curso, ou seja, professores formadores, estabelecendo dessa forma, um paralelo entre a formação recebida ao longo da vida e outros processos formativos.

A elaboração da pesquisa será possível a partir da construção da (auto) biografia que é uma metodologia que tem ganhado adeptos nos últimos anos pelas possibilidades que apresenta da compreensão de diversos fatos a partir da perspectiva daqueles que dele participaram. Segundo Bragança (2012, p.157) esse caminho de “investigação levou-nos a tomar a histórias de vida de professoras [...] por meio das biografias educativas, constituindo-se numa alternativa teórico-metodológica no processo de tematização da própria vida”, ou seja, utilizar-se-á, a história de vida dos professores durante sua formação e, posteriormente a ela como objeto de análise para a pesquisa.

Propõe-se ainda o uso do conceito de formação e aprendizagem ao longo da vida trazido por Alheit e Dausien (2006) que consideram que o ser humano aprende desde o momento em que nasce, vivenciando novas experiências, ganhando novos saberes e desenvolvendo competências. Mas no caso específico da educação há um processo diferenciado de aprendizagem que precisam ser considerado de acordo com as particularidades deste ambiente e por isto, “educação ao longo da vida parece responder no primeiro plano a uma necessidade econômica e social [...] mas a educação ao longo da vida pode aparecer sob o duplo aspecto da “instrumentalização” e da “emancipação” (ALHEIT e DAUSIEN (2006, p.178).

A história de vida é um processo ainda em formação e assim seu uso em uma pesquisa indica a “[...] herança intelectual pluridisciplinar, que lhe dá simultaneamente uma legitimidade e uma fonte multiforme de inspiração [...]” (DOMINICÉ, 1988 apud SOUZA et al, 2006, p.26), possibilitando assim que a heterogeneidade de situações que ocorrem em um processo de formação docente possam ser evidenciadas, demonstrando que mesmo participando de um mesmo curso de formação, que as experiências desenvolvidas podem ser muito diferentes entre si e todas elas precisam ser consideradas.

Silva (2015, p.15) considera que a (auto) biografia possibilita por meio do uso da biografia educativa escutar de forma sensível as histórias de vida dos professores, fazendo com que estes profissionais também venham a refletir sobre sua formação e como esta agiu

diante de sua vida tanto pessoal quanto profissional. Assim, é possível “adentrar a vida do sujeito, conhecendo sua história e os possíveis momentos de formação vivenciados ao longo de sua existência”.

De acordo com Souza (2006, p.23) “na área de educação adota-se a história de vida, mais especificamente, o método autobiográfico e as narrativas de formação como movimento de investigação-formação, seja na formação inicial ou continuada de professores/professoras”, podendo haver a centralização em suas memórias ou na construção de autobiográficas desses professores.

Em relação ao uso da expressão “ao longo da vida”, propõe-se que essa pesquisa define um período de tempo a ser analisado, que é quando os professores fizeram parte do projeto da Parcelada de História pela Universidade Estadual de Goiás, de 2000 a 2007, portanto, quando tiveram sua formação docente desenvolvida, vivenciando diferentes tipos de experiência nesse processo e período também onde os professores Cravo e Margarida foram regentes de sala de aula nesse curso.

Considera-se ainda que se tenha como ênfase à biografia educativa, e para isto, os professores responderão a uma entrevista que possuirá um roteiro de questões pré-estabelecidas e que permitirão a construção de uma biografia sobre o período em que estiveram em formação, relatando suas experiências que poderão ser tanto positivas e negativas. É uma possibilidade de valorizar as especificidades e as particularidades trazidas por cada um desses profissionais quando se fala no processo de formação docente. Assim, de acordo com Souza (2006, p.24):

O entendimento construído sobre a história de vida como um relato oral ou escrito, recolhido através de entrevista ou de diários pessoais, objetiva compreender uma vida, ou parte dela, como possível para desvelar e/ou reconstruir processos históricos e vividos pelos sujeitos em diferentes contextos.

É essa a proposta da pesquisa, utilizar a biografia educativa para conhecer o percurso de formação que os professores tiveram dentro da Parcelada, tanto aqueles que estavam em formação, como os professores formadores, compreendendo diferentes experiências desenvolvidas, buscando evidenciar se houve dificuldades nesse processo, as limitações enfrentadas, as aprendizagens e as práticas desenvolvidas por esses profissionais.

Nesse sentido, foram selecionados dois professores que estavam em processo de formação na Parcelada e dois professores formadores que eram regentes nesse curso, cujas principais informações e caracterizações podem ser vistas no quadro 1 a seguir:

**Quadro 01:** Dados principais, relativos aos professores colaboradores<sup>4</sup> com a pesquisa.

<b>Professora</b>	<b>Data de Nascimento</b>	<b>Ingresso na carreira docente</b>	<b>Outras informações</b>
Violeta	25/12/1956	Ano: 1974	Começou a estudar no grupo escolar, hoje Colégio Estadual “Dr. Vasco dos Reis Gonçalves”. Devido às dificuldades do período enquanto estudava, mudou-se para outras cidades para estudar. Fez o magistério na escola Parque em Catalão. Começou a lecionar na zona rural em 1974 em 01 de março. Às vezes não se sentia apta a dar aulas.
Orquídea	31/07/1952	Ano: 1982	Nasceu em Catalão –GO, é casada, reside em Urutaí (GO), começou sua vida escolar no Grupo escolar “Dr. Vasco dos Reis Gonçalves” em Urutaí-Go. A carreira docente começou pelo que chama de “vocação” no ano de 1982. Aposentou-se em 2009 após 27 anos trabalhando na rede estadual e 06 anos na rede municipal.
Cravo	21/10/1958	_____	Reside em Pires do Rio-GO, formado em História e Ciências Sociais – Ensino Superior e Gestor Cultural. Ministrou mais de 15 disciplinas no programa da Parcelada (Pires do Rio e Porangatu) História, Psicologia da Educa�o, Ensino da Educa�o, Ciências Sociais e Métodos de Pesquisa Cientifica.
Margarida	08/04/1959	_____	Reside em Palmelo-GO e � professora Mestre. Ministrou aulas de Didática Geral, Didática de História, Estágio Supervisionado e Psicologia da Educa�o dentro da Parcelada de História.

Assim, a estrutura da monografia   a seguinte: no primeiro capítulo faz-se considera es sobre a forma o docente, demonstrando a presença deste tema nos debates acadêmicos e como   possível analisar o processo de forma o docente a partir da história de vida desse professor. No segundo capítulo apresentam-se as análises das entrevistas feitas comos professores que fizeram o curso de História durante os anos de 2000 a 2007 a partir do processo da Parcelada e que vivem em Urutaí (GO), assim como os professores que ministraram aulas neste curso.

<sup>4</sup> Visando preservar a identidade dos professores, serão utilizados nomes fictícios.

## **1. HISTÓRIA DE VIDA E FORMAÇÃO DOCENTE**

A formação docente é um dos assuntos mais debatidos na atualidade quando se fala em educação, isto porque da qualidade desses profissionais também depende a qualidade do processo ensino e aprendizagem, ou seja, da educação desenvolvida em uma dada instituição educacional. Assim, este capítulo busca traçar algumas considerações sobre a formação docente, apontando também como este tema está presente nos debates acadêmicos, uma vez que a maior parte das discussões feitas liga-se à formação inicial e continuada e não partem de uma perspectiva da história de vida dos próprios professores.

### **1.1 Formação de Professores no Brasil**

A educação brasileira como um todo somente começou a ganhar real importância a partir da Constituição de 1988, é o que afirma Abrucio (2016, p.10) ao dizer que esse é “o marco inicial de um Estado de bem-estar social no país, e com o fortalecimento da democracia, que grandes transformações começaram a ocorrer” e foi nesse contexto que a educação se tornou um real direito do cidadão brasileiro.

Para que houvesse real aumento da qualidade e da equidade da educação, era preciso também investir em capital humano, o que, evidentemente vai de encontro a construção de cursos de magistério que proporcionassem uma carreira sólida aos professores, dando-lhes boa formação e profissionalização. De acordo com Abrucio (2016, p.11) “para atingir esse objetivo, uma das peças centrais é a formação e o aperfeiçoamento dos docentes, seja dos que vão entrar na carreira, seja dos que nela estão”.

Falar de formação de professores é algo importante uma vez que para Neubaer e Pisaneschi (2014) os resultados ruins nos exames nacionais e internacionais demonstram a urgência de melhorias no ensino público, posteriormente, porque o grande número de professores que podem aposentar-se nos próximos anos, torna grande a janela de oportunidades a serem preenchidas, com a reposição de professores, o que faz urgir a reformulação da formação desses profissionais no país.

Além disto, segundo Abrucio (2016) é preciso considerar que as reformas educacionais trazidas pelo Plano Nacional de Educação (PNE) trouxeram implicações sobre a formação de professores, já que sem investimentos em capital humano, sem a melhoria da qualificação docente, as mudanças na educação como um todo podem ser bem mais difíceis,

muitas delas, até impossíveis e por isto, promover mudanças nos cursos de pedagogia e de licenciaturas no país, é imprescindível.

Ainda de acordo com Abrúcio (2016), vários países do mundo têm desenvolvido novas experiências na área da formação docente, tanto na formação inicial quanto continuada, por isto, acredita que seja necessário que o Brasil comece a “dialogar com essas reformas, aprender com algumas medidas e adaptá-las à realidade local” (ABRÚCIO, 2016, p.11).

O professor precisa ampliar a qualidade das didáticas utilizadas e isto é possível através de processos de formação, contribuindo assim para que ele possa ensinar melhor, para o grande e diverso conjunto de alunos que chegam à educação pública brasileira e sobre a formação desses profissionais não pesa apenas os cursos dos quais participam, mas todo seu histórico de vida. É nesse sentido que se cita a Parcelada, que foi uma proposta diferenciada de ensino e formação a nível superior e que deu origem a diversas experiências que serão analisadas nessa pesquisa a partir da formação docente e em relação a história de vida desses profissionais, tanto daqueles que estudaram nesse curso, como dos que ministraram aulas no mesmo.

## **1.2 Eu pessoal x Eu Profissional: um Estudo sobre a Formação Docente**

Os professores representam um “novo” objeto de investigação educacional, é o que enfatiza Nóvoa (1992). O autor aponta que as pesquisas que tem o professor como foco têm três abordagens principais: uma que lança o olhar sobre as características de um “bom” professor, outra sobre os métodos de ensino e outra sobre o ensino como texto real da sala de aula. Todas essas pesquisas variam muito quanto ao foco e qualidade, mas, segundo o autor “tiveram um mérito indiscutível: recolocar os professores no centro dos debates educativos e das problemáticas de investigação.” (NÓVOA, 1992, p.15).

Bragança (2012) considera que quando se iniciam e desenvolvem pesquisas que analisam a formação de professores surge um processo que vai de confronto ao modelo de racionalização técnica, valorizando a subjetividade daqueles que estão em sala de aula, que estão à frente do fazer pedagógico, valorizando a construção da identidade docente. É nesse sentido que Santana (1993, *apud* BRAGANÇA, 2012) apresenta o conceito de autoformação, e pontua que este “apresenta uma relação com o entendimento do desenvolvimento profissional dos professores, passando pela revalorização da experiência como processo

formador, elemento fundamental de construção do conhecimento profissional”. (BRAGANÇA, 2012, p.67).

É por isto que Alheit e Dausien (2006) consideram que “nos debates dos últimos trinta anos sobre política da formação – particularmente na última década –, o conceito de aprendizagem ao longo da vida tomou uma dimensão estratégica e funcional”, (ALHEIT e DAUSIEN, 2006, p.177) e essa formação é alvo de análises, pois ela está diretamente ligada à missão que o professor tem dentro da sociedade moderna, que não é simplesmente de reproduzir conhecimentos.

Nóvoa (1995) considera que o início dessas pesquisas ocorreu através da produção internacional, buscando dar voz a esses profissionais, analisando suas trajetórias e história de vida. Foi uma inovação no sentido de que até então os estudos feitos sobre a profissão docente reduziam o professor a existência ou não de competências técnicas para exercer essa profissão, o que de acordo com o autor, gerou uma crise de identidade nesses profissionais, pois se separava o âmbito pessoal do profissional.

A partir desse momento, o professor passou a ser o foco das investigações, sendo alvo de inúmeros estudos e debates que passaram a enfatizar de que forma o modo de vida de uma pessoa poderia interferir em sua prática profissional. De acordo com Nóvoa (1995, p.19) “esse movimento surgiu num universo pedagógico, num amálgama de vontades de produzir um outro tipo de conhecimento, mais próximo das realidades educativas e do cotidiano dos professores”. Assim, o trabalho docente passou a ser visto de acordo com diferentes aspectos como o individual, profissional, institucional, entre outros. Nunes (2001) apud Burniet et al (2007) considera que esse momento foi uma espécie de virada nos estudos sobre a profissão docente, pois passou a considerar os saberes produzidos por estes profissionais, o que até então não era considerado.

Para Nóvoa (1992) a multiplicação de pesquisas sobre o fazer docente possibilitou analisar a formação destes profissionais e a identificação dos saberes implícitos em sua prática. Acreditava-se assim que “é preciso investir positivamente os saberes de que o professor é portador, trabalhando-os de um ponto de vista teórico e conceptual” (NÓVOA, 1992, p.27).

A partir de todas essas mudanças e pesquisas, passaram-se a trabalhar temas como a prática pedagógica, os saberes e a formação da identidade do professor. Sobre tal questão Pimenta (1999, p.19) considera que a identidade do professor seja construída através da,

significação social da profissão; da revisão constante dos significados sociais da profissão; da revisão das tradições. Mas também da reafirmação das práticas consagradas culturalmente e que permanecem significativas. Práticas que resistem a inovações porque prenes de saberes válidos às necessidades da realidade. Do confronto entre as teorias e as práticas, da análise sistemática das práticas à luz das teorias existentes, da construção de novas teorias.

Foi dessa maneira que a formação do professor passou a receber maior atenção e a também ser alvo de discussões e reflexões. Essa formação é vista desde o início que ocorre com a presença e conclusão em um curso de licenciatura, como através da formação continuada que permite que o professor busque novos conhecimentos. Mas, esse trabalho toma como perspectiva a formação docente a partir da história de vida desses profissionais da educação.

Inicialmente é preciso se apegar ao conceito de história de vida que de acordo com Queiroz (1988, p.20) é o “relato do narrador sobre a sua existência através do tempo, tentando reconstruir os acontecimentos que vivenciou e transmitir a experiência que adquiriu”, assim, para esta pesquisa interessa as experiências de vida que o professor adquiriu durante sua vida pessoal e profissional, isto porque ambas interferem sobre a identidade e a prática docente.

De acordo com Queiroz (1998) a história de vida é uma proposta que se aproxima de outras metodologias como as entrevistas, autobiografias, biografias, depoimentos pessoais, entre outros, sendo material para uma pesquisa sociológica, porém, possuindo característica um pouco diferenciadas destas outras, pois é o momento em que o narrador fala sobre sua própria existência durante o tempo, reconstruindo e evidenciando acontecimentos que ele considera importantes e que foram responsáveis pela construção de experiências em sua vida pessoal e profissional.

De acordo com Ferraroti (2011) apud Silva (2015) as histórias de vida permitem o contato direto com o vivido pelas pessoas e ao dar vez e voz ao professor, valoriza-se esses profissionais como pessoas de suma importância na sociedade e como os responsáveis pelo processo de ensino e aprendizagem e que por ter contato com instituições, alunos, famílias, conhecimentos, metodologias, entre outras questões, acumula experiências ao longo de sua carreira e de sua vida.

Nóvoa (1988) chama essa proposta de biografia educativa, onde esta “é simultaneamente, um meio de investigação e um instrumento pedagógico: é esta dupla função que justifica a sua utilização no domínio das ciências da educação e da formação”. (NÓVOA, 1988, p.167). Assim, possibilita-se que esses sujeitos que tem características específicas

possam falar sobre suas vidas, sobre sua profissão e sobre as experiências desenvolvidas na mesma.

Sobre essa questão, Josso (2004) considera que as biografias educativas possuem grande significado sobre a formação dos sujeitos, nesse caso, sobre a formação docente. Desse modo,

A mediação do trabalho biográfico que leva à narrativa de formação dita “biografia educativa” [...] permite, com efeito, trabalhar com um material narrativo, constituído por recordações, consideradas pelos narradores como “experiências” significativas das suas aprendizagens, da evolução nos itinerários socioculturais e das representações que construíram de si mesmos e do seu ambiente humano e natural. (JOSSO, 2004, p.47)

Assim, abre-se a possibilidade de entrelaçar experiências profissionais e pessoas desses sujeitos, uma vez que elas estão interligadas. Dessa forma, analisa-se a constituição do professor, em seus processos formativos, em sua preparação para exercer a profissão, em todos os fatores que sobre ela incidem, seja de forma oficial ou não, que acontecem tanto dentro como fora da escola.

Abraão (2004) apud Silva (2015) considera que ao utilizar a história de vida dos professores com foco em sua formação, duas questões principais precisam ser discutidas, sua vida pessoal e profissional e a construção de sua identidade e nesses dois momentos, o pessoal está ligado ao profissional. Sendo assim,

Estas categorias representam uma teia repleta de significados que refletem na constituição do professor. Dessa forma, independente do tipo de formação recebida –seja adquirida em instituições consideradas oficiais, cujo objetivo é qualificar e preparar o professor para exercer o ofício, ou mesmo uma formação não oficial, a exemplo da experiência adquirida há anos, sendo carregada de sentidos, de momentos que podem ser considerados formadores - ela acaba por refletir diretamente na vida do professor, sendo impossível pensar esse sujeito sem perceber que a construção de sua identidade é permeada tanto de aspectos pessoais, quanto profissionais (SILVA, 2015, p.16-17).

E assim, cada professor tem sua própria identidade e esta é formada ao longo de sua vida. Ingressar e permanecer na docência é algo que possui sentidos diferenciados para cada um dos profissionais, isto porque se para alguns essa vontade adveio da infância, outros podem ter sido influenciados por suas famílias, alguns queriam ter seguido outra profissão, mas não encontraram essa possibilidade, entre outros fatores.

Quando se toma como proposta a história de vida como recurso teórico-metodológico busca-se olhar o professor em seu percurso tanto pessoal como profissional. É uma maneira de ao conhecer a história de vida dos docentes retratar e refletir sobre a própria docência e a educação brasileira, em suas dificuldades, diversidades e particularidades. Para Burnie et al (2007, p.344) “na área da educação, o uso cada vez mais disseminado das histórias de vida tem contribuído para uma melhor compreensão da condição docente, na medida em que renova as teorizações e os dispositivos de pesquisa e formação profissional”.

Para Meihy (1996) o uso da história de vida assim como na história oral da vida, o pesquisador pode dirigir o diálogo, mas será, no caso dessa pesquisa, o professor quem tem o fio condutor sobre os acontecimentos de sua vida, sobre os episódios e fatos que considera mais importante e que agiram sobre sua profissionalidade, a formação de sua identidade como professor e também como pessoa.

De acordo com Nóvoa (1988) esse método é conhecido também como uma técnica que exige fundamentação teórica e um conhecimento da realidade para alcançar seus objetivos, possibilitando o resgate de histórias de vida, de pessoas que participam dos fatos, das histórias, mas que se tornam anônimas, desconhecidas e que através dessa história de vida conseguem se fazer presentes na própria construção da história de sua profissão e da sociedade. Por isto, o autor considera:

as histórias de vida e o método (auto)biográfico integram-se no movimento atual que procura repensar as questões da formação, acentuando a idéia que 'ninguém forma ninguém' e que a formação é inevitavelmente um trabalho de reflexão sobre os percursos de vida (NÓVOA, 1988, p.116).

É um movimento considerado como atual, que busca repensar o professor, utilizando para isto narrativas de vida, ou narrativas de formação como um recurso metodológico, o que de acordo com Chené (1988) apud Moraes (2004, p.168):

Tem como objetivo principal, segundo o que é pedido, falar da experiência de formação. Relativamente à narrativa de vida, presume-se que a narrativa de formação apresente um segmento da vida: aquele durante o qual o indivíduo esteve implicado num projeto de formação.

Assim, o professor irá organizar suas experiências de vida e relatá-las, possibilitando que ele próprio possa refletir sobre o que está dizendo, sobre o que viveu, sobre as bases de sua formação e sua prática dentro e fora das instituições de ensino. É assim que

abre-se oportunidade para que o professor demonstre como ele experimenta o mundo, reconstruindo suas histórias pessoais e profissionais a partir de sua própria perspectiva, colocando-o como personagem ativo dentro da educação e dentro da sociedade.

Através dessas histórias de vida é possível saber quais motivos levaram esse sujeito a escolher a docência como profissão, quais fatores influenciaram nas suas características como profissional, os valores que ele possui enquanto pessoa e como estes agem sobre sua profissionalidade, entre tantas outras questões que possibilitam compreender não somente a história de vida desses profissionais, mas como eles construíram suas identidades, as experiências desenvolvidas, os contatos interpessoais realizados e assim, traçar um panorama da própria educação brasileira.

Para Moraes (2004) quando se dá a oportunidade de que o professor olhe para si próprio e fale sobre suas experiências pessoais e profissionais é possível analisar seu processo de formação, ou seja, compreender tudo aquilo que deu sentido a sua profissionalidade, as vivências e experiências de vida que o tornaram o professor que ele é, o que leva a crer que “não existe um modelo de formação, existem programas diferenciados e alternativas de formação contínua” (MORAES, 2004, p.169). O autor considera ainda que construir uma história de vida do professor é agir também diante de sua formação, pois é o momento em que ele mesmo revê sua prática até aquele momento, reflete de forma mais consciente sobre ela e sobre os fatores que a influenciaram.

As ações e os pensamentos de um professor podem ser conhecidos dentro dessas narrativas, é o que afirma Fontoura (1992) apud Moraes (2004, p.169) ao dizer que “a tomada de consciência opera-se através do assumir da palavra, do refletir sobre o seu discurso”. Assim, relatando sua história, o professor reconstrói suas experiências em um processo de auto-análise, muitas vezes ele mesmo observando questões que podem ter influenciado sua formação e prática profissional, mas para as quais, ele mesmo nunca deu maior atenção.

Quando um professor fala sobre si, sobre sua história de vida e suas experiências é possível não apenas conhecer suas particularidades, como propõe André (1997) apud Burniet et al (2007, p.346), mas também compará-las como outras histórias de outros sujeitos, o que “leva a conhecer um percurso ou experiência pessoal, singular, retrata de algum modo o universo social mais amplo, no qual é inscrito esse percurso”, ou seja, quando se conhece a vida e as experiências vividas por um professor, conhece-se também o meio em que ele vive, as características da sociedade em que faz parte, já que esse professor é um sujeito que sofre influências do meio em que vive.

Ao propor as histórias de vida como recurso metodológico é possível dar voz ao professor, relatando seu percurso de vida pessoal, mas também dando sentido para a docência, na perspectiva desses profissionais. De acordo com Nóvoa (1992, p.07) “não é possível separar o eu pessoal do eu profissional” e por isto, o professor é formado através de suas experiências vividas fora e dentro da escola, todas elas agindo diante de seus conhecimentos, da postura que ele tem em sala de aula, da forma como vê e conduz o processo de ensino e aprendizagem.

Este é o momento do sujeito também demonstrar suas subjetividades e interpretar suas próprias ações e reações diante de tantas situações vividas e como estas influenciaram sua prática profissional. É assim que “interpreta suas ações no plano individual e coletivo, na busca de significados para construção de sua identidade profissional” (BURNIET et al, 2007, p.347). É ainda uma forma de ao relatar sua história de vida, o docente demonstrar suas expectativas, seus desejos, anseios, não somente sobre sua profissão, mas também sobre sua vida como um todo, enaltecendo-o como alguém que constrói sua própria história e pode falar sobre a mesma.

Cada professor tem uma expectativa em relação ao que viverá dentro da docência, isto porque vivem em meios sociais diferenciados, tem conhecimentos diferenciados sobre o que é essa profissão e o contato com várias instituições de ensino faz com que cada vez mais eles vivam distintas situações e histórias dentro da educação. Por isto, Burniet et al (2007, p.347) considera que:

Em relação à docência, as expectativas são diferenciadas. A imagem que o professor constrói de si mesmo e perante a sociedade faz parte do processo constitutivo de sua identidade profissional. Esse processo está em constante transformação, reconstruindo-se ao longo da vida, de acordo com suas experiências sociais e individuais.

A formação deste profissional que não acontece apenas dentro da universidade, mas em seu cotidiano nas instituições de ensino, no meio em que ele vive e nas experiências que ele constrói em seu cotidiano irão formar a imagem desse professor não somente na escola, mas diante da sociedade, construindo sua identidade profissional. E por isto, muitas vezes, essa identidade é mutável, pois em seu processo de formação o professor pode passar por muitas mudanças e experiências que modificam sua forma de ver a profissão e de atuar sobre a mesma.

Assim como já dito, o ser humano tem suas particularidades, mas também é um ser social e por isto, Dubar (1997) considera como sua identidade é tanto individual como coletiva, pois associada às características individuais de cada pessoa, ou seja, seus fatores internos estão os elementos externos que o influenciam, as visões de mundo que ele constrói e que tem relação com o meio em que ele vive, as experiências que ele desenvolve em contato com a cultura e com as outras pessoas e todos esses fatores formam um professor e sua identidade profissional.

Essa história de vida do professor não se limitará apenas aos momentos em que ele passa em sala de aula, ao contrário, inicia-se desde o momento em que ele busca uma formação profissional, sobre a possibilidade do desemprego, sobre a conquista de um espaço nesse mercado, sua atuação diante de diferentes alunos com diferentes formas de aprendizagem, o impacto das tecnologias em seu cotidiano, o contato com outros profissionais da área, a busca constante pelo processo de formação continuada, as cobranças sociais, entre tantas outras questões. Diante disto, Burniet et al (2007, p.348) afirma que “nesse contexto, o indivíduo constrói sua identidade profissional criando representações sobre si mesmo e suas funções, interligadas à sua história de vida, formação e profissionalização”.

Ainda de acordo com Burniet et al (2007) quando parte-se da construção da história de vida de professores é possível refletir sobre experiências, instituições, sobre as condições de trabalho que são oferecidas aos professores, as relações profissionais e pessoais nesse espaço, os valores sociais que os influenciam e que estão presentes dentro e fora da escola, muitas vezes convergindo uns com os outros.

Moraes (2004) considera que ao contar sua história, o professor irá narrar seu percurso de vida, dando sentido a sua trajetória, construindo novos sentidos para a mesma. Mas esse processo não implica em simplesmente narrar acontecimentos, mas fazer com que o narrador venha a refletir sobre o mesmo, identificando que fatos, que experiências ele considera terem sido importantes para sua formação. Dessa maneira,

Partilhar histórias de vida permite, a quem conta a sua história, refletir e avaliar um percurso, compreendendo o sentido do mesmo, entendendo as nuances desse caminho percorrido e re-aprendendo com ele. E a quem ouve (ou lê) a narrativa, permite perceber que a sua história entrecruzasse de alguma forma (ou em algum sentido ou lugar) com aquela narrada (e/ou com outras). (MORAES, 2004, p.170).

Ao falar sobre o que já viveu e sobre as experiências, o professor aprende não somente com suas experiências, mas também observa que sua trajetória pessoal e profissional

se cruzou com outras histórias, com outras pessoas. Fica evidente, dessa forma, que uma história de vida não é algo único e singular, mas diretamente ligado aos acontecimentos coletivos, as histórias e acontecimentos que são desenvolvidos em âmbito social.

E assim, quando se investiga um professor, nota-se que suas narrativas estão interligadas umas com as outras. Por isto,

Nosso desafio é, a partir das diferenças e sem negá-las, captar como uma história de vida se apresenta e se comunica com outras histórias, como várias vidas são perpassadas por uma mesma história abrangente; enfim, como a presença do coletivo se explicita nos relacionamentos cotidianos, nas práticas sociais e emergem nas narrativas dos professores (KRAMER, 1996, p.25).

Mas é preciso considerar que apenas falar sobre um fato não assegura que ele tenha feito parte do processo formativo desse profissional, é preciso que essas experiências e fatos estejam ligados a espaços coletivos de socialização e de confronto, levando esse profissional a refletir sobre as diferentes trajetórias que trilhou até chegar ao atual patamar de sua formação. Essas narrativas de formação precisam levá-lo a melhorar sua prática em sala de aula, não sendo apenas momentos em que ele adquiriu informações, mas onde ele pode refletir sobre seu trajeto até aquele momento e buscando possibilidades de se tornar um profissional ainda mais qualificado.

Mais do que tudo, construir histórias de vida é fazer com que o professor deixe de ser apenas um objeto de estudo, para ser um sujeito que teoriza e que fala de si próprio e de suas experiências. Assim, quando este professor falar sobre sua história de vida, relatando fatos, acontecimentos e experiências, ele também possibilitará que outros profissionais ao lerem seus relatos, possam refletir sobre suas práticas e sobre seu próprio percurso de formação, por isto, “de alguma forma a investigação que usa narrativas pressupõe um processo coletivo de mútua explicação em que a vivência do investigador se imbrica na do investigado” (CUNHA, 1996, p.09).

Bolívar (2002) apud Silva (2015) considera que ao se colocar como autor de sua própria história, o professor exalta fatos e situações que passou durante sua vida profissional e muitas delas não ocorreram apenas em sala de aula ou em espaços escolares, mas envolve as transformações pessoais e profissionais pelas quais ele passou durante sua vida profissional e que afetaram sua formação. Por isto, o autor argumenta:

[...] fazer um inventário de experiências, saberes e competências profissionais; ao mesmo tempo, ao recuperar, biográfico-narrativamente, o sujeito a partir de suas experiências e lembranças do passado no presente - convertem-se numa metodologia de formação (BOLÍVAR, 2002 apud SILVA, 2015, p.17).

A resignificação das ações do professor ao longo do tempo também age sobre sua formação, levando-o a refletir sobre seu passado profissional, a partir de diferentes contextos, em diferentes instituições e diante do contato com inúmeros outros profissionais da área.

As histórias de vida podem ser relacionadas, ou seja, constroem-se diferentes histórias de vida de diferentes profissionais e através dos seus vários relatos é possível traçar particularidades, mas também analisar essa profissão como um todo, com seus percalços, possibilidades, formas de atuação, elementos que sobre ela interferem, e assim,

[...] o que tenho visto, não sem preocupação, é que muitas pessoas, sob a alegação de “dar voz” aos sujeitos ou de valorizar as práticas, limitam-se a reproduzir falas e falas dos sujeitos, sem qualquer tentativa de identificar regularidades, relações e categorias e/ou se servir de um instrumental analítico capaz de organizar e dar sentido aos dados. (ZAGO et al, 2003, p.43).

É assim que se entra em contato com professores que tem múltiplas experiências em sala de aula, tanto no que se refere ao tempo em que estão na docência, nas instituições em que já atuaram, as barreiras que enfrentaram e os problemas que atingiram sua profissão durante sua vida profissional, entre outros aspectos.

As histórias de vida dos professores ao serem relatadas possibilitam não somente a reflexão sobre sua formação, mas também instigam um processo de (re) planejamento de ações futuras, pois o professor não reflete apenas sobre aspectos positivos de sua formação e profissão docente, assim como sobre os aspectos negativos que ele pode querer mudar para assim ser um profissional melhor e atender aos anseios e cobranças da educação e da sociedade (POLON, 2009).

Sobre essa mesma questão Catani e Bueno (2000) consideram que as história de vida dos professores possibilitam resgatar experiências e práticas pedagógicas que servem de parâmetro para outros professores e por isto, “abordar a identidade implica, necessariamente, falar do eu, bem como das formas pelas quais o sujeito rememora suas experiências e entra em contato consigo mesmo” (CATANI e BUENO, 2000, p.168). Essas recordações relatadas pelos professores ficaram guardadas na memória, pois agiram sobre sua formação e sobre sua

prática e, em geral, estão ligadas ao contato com outras pessoas que se tornaram referências nas lembranças desse professor.

Para Nóvoa (1992, p.16) a identidade do professor se apresenta como “um lugar de lutas e de conflitos, é um lugar de construção de maneiras de ser e de estar na profissão” e todos esses conflitos e lutas fazem parte da história de vida e de formação do professor e estarão presentes em seus relatos, pois constituem processos formativos em sua vida dentro e fora do espaço escolar.

Josso apud Bueno (2002) afirma que “a educação é assim feita de momentos que só adquirem o seu sentido na história de uma vida”, ou seja, ela precisa ser compreendida a partir daqueles que nela estão inseridos, sejam alunos, professores, demais profissionais, famílias, etc., pois são esses sujeitos que vivenciam as diversas situações que ocorrem dentro da escola e que também influenciam fora desse espaço, que tecem relações interpessoais, que adquirem conhecimentos que serão utilizados em toda sua vida, que passam por problemas, encontram limitações, enfim, que vivenciam a educação em todas as possibilidades que ela oferece ao ser humano e são essas experiências que importam a essa pesquisa.

É preciso considerar, porém, que mesmo com toda a importância das inter-relações vivenciadas pelo professor que farão parte de sua história de vida que de acordo com Nóvoa (2004, p. 15) “ninguém forma ninguém e que pertence a cada um transformar em formação os conhecimentos que adquire ou as relações que estabelece”, ou seja, o professor é dono de sua própria formação, é ele quem busca conhecimentos, quem participa de atividades, quem tece relações e busca aprender com outras pessoas, por isto, é ele o responsável por sua própria formação e essas experiências que ele busca e que considera importante farão parte da sua história de vida.

Josso (2004) acredita que a construção de histórias de vida seja algo importante no sentido de que faz com que o professor analise sua prática e a partir dela possa atuar frente a novos papéis que a sociedade e a educação lhe impõe e assim,

A evolução dos papéis, das funções, das responsabilidades, das concepções, dos lugares que afetam todas as profissões, transformam a responsabilidade individual do aprendente em responsabilidade cívica coletiva. As opções que tomar, as competências e as capacidades que desenvolver contribuirão para esta redefinição dos atores profissionais e socioculturais que se efetua todos os dias sob os nossos olhos. Mais do que nunca, o ato de aprender solicita uma consciência aguda das questões, dos problemas e mesmo dos impasses que, alternadamente, são a manchete dos jornais, e que estão em jogo no exercício dos nossos direitos políticos. (JOSSE, 2004, p. 241)

Essa evolução do professor é necessária porque a docência não é a mesma de séculos ou décadas atrás, ao contrário, as mudanças sociais também implicaram sobre mudanças na postura do professor em sala de aula e no processo de ensino e aprendizagem como um todo, fazendo com que o professor tivesse que se readaptar a nova realidade, desenvolvendo novos conhecimentos, habilidades e competências, agindo, assim, sobre sua formação e atuação em sala de aula e, muitas vezes, também fora dela.

Para Cunha (1988) apud Moraes (2004) construir histórias de vida de professores analisando seu processo de formação é algo fundamental no processo de auto-formação, tanto pessoal como profissional, envolvendo não apenas aqueles que são pesquisados, mas também os pesquisadores e dessa maneira,

as potencialidades da narrativa de formação para a formação de formador parecem nos mais do que confirmadas. Teoricamente, a narrativa leva à compreensão do percurso da formação. Na prática, permite igualmente que o formador encontre o seu projeto de ser e se formar através da fragilidade das figuras que toma no tempo da narração, e se reapropria do julgamento de competência que faz sobre si próprio (CHENÉ, 1988 apud MORAES, 2004, p.171).

Ou seja, quando o pesquisador escuta a história de vida do professor e seu processo de formação, ele próprio passa a também refletir sobre sua formação, sobre o percurso que seguiu até aquele momento. Assim, é um processo de colaboração entre essas duas pesquisas, entre quem pesquisa e quem é pesquisado, de forma a refletir sobre uma questão de suma importância dentro da sociedade, que é a formação de professores.

A partir da perspectiva do professor que está em constante processo de formação, especialmente pelo contato que tem com o conhecimento, com outros profissionais, alunos, instituições e com a sociedade, propõe-se no próximo capítulo analisar a história de vida de dois profissionais da educação básica de Urutaí (GO) e também de outros dois profissionais que ministraram aulas no curso da Parcelada.

## 2 FORMAÇÃO E HISTÓRIA DE VIDA

Objetiva-se neste capítulo analisar a história de vida de dois profissionais da educação básica de Urutaí (GO), com ênfase à perspectiva desses profissionais sobre seu processo de formação e como estes estão inteiramente ligados à sua história de vida, às experiências por eles desenvolvidas, as lutas travadas, aos sonhos realizados, mas também aqueles que precisaram ser esquecidos, dentre outras questões. Analisa-se ainda as perspectiva dos professores formadores, ou seja, aqueles que foram responsáveis pela formação destes profissionais.

### 2.1 A Perspectiva dos Professores em Formação

A professora Violeta nasceu em Urutaí (GO), é solteira e reside nesse mesmo município. Começou a estudar no grupo escolar, hoje Colégio Estadual “Dr. Vasco dos Reis Gonçalves”. Sobre os motivos que a levaram a se tornar professora, é pontuado que:

Era muito difícil naquela época sair para outras cidades para estudar e fora as questões financeiras, por isso única oportunidade era ser professora. Fiz o magistério na escola Parque em Catalão. Comecei a lecionar na zona rural em 1974 em 01 de março. Às vezes me sentia não apta a dar aulas.

Nota-se que a entrevista já ministrava aulas quando foi participar do curso da Parcelada, e viu nessa oportunidade uma forma de buscar maior qualificação, podendo atuar com maior dinâmica e capacitação na profissional que escolheu para atuar. Josso (2010, p.190), que esclarece que:

A reflexão sobre seu processo de formação não permite apenas situar-se numa história e numa continuidade temporal, ela conduz progressivamente o sujeito a questionar sobre sua visão do humano em sua dimensão terrestre [...] e tem o efeito de clarear a atitude do sujeito a respeito da aprendizagem e das atividades educativas.

Fica evidente que quando a professora sente que não está qualificada para ministrar aulas, ela busca um novo processo de formação que lhe traga não apenas conhecimentos, mas que a auxilie a desenvolver habilidades e competências necessárias para

que possa desenvolver um processo de ensino de qualidade e assim promover uma maior aprendizagem em relação a seus alunos.

A professora que é aposentada trabalhou por 33 anos, lecionando na 5ª e 6ª séries, hoje 6º e 7º ano. Apesar de tantos anos dedicados a docência, o que não seria possível se a professora não tivesse amor pelo que fazia, ela diz não sentir saudades do período que atuava em sala de aula, apenas uma “leve saudade de lecionar no primário”. Quando se leva em consideração que “o processo de formação acompanha o curso da vida” (JOSSO, 2010, p.62), também é preciso evidenciar que a docência pode ser uma profissão difícil pelas cobranças que impõe a esses profissionais, pois eles não trabalham apenas no momento em que estão na escola, mas levam muito serviço a ser feito em casa e os momentos de lazer e contato com a família são minimizados, o que poderia ser uma explicação para a fala dessa professora, que não sente saudades do tempo em que atuava na sala de aula.

Segundo Violeta, mesmo com a existência de outros cursos, ela preferiu a Parcelada em História, pois “era uma disciplina que me chamava atenção”. Mesmo com muitos anos sem frequentar a sala de aula, pois o último curso que havia feito foi o magistério, a entrevistada disse que considera a experiência como algo positivo, pois “convivemos com outras pessoas de outra cidade, me adaptei fácil. Dificuldade sempre tem, mas o maior foi apresentação de trabalhos, pois estávamos sendo avaliados”. Nesse sentido, Silva (2015, p.79) considera que “a formação é algo que ocorre na vida do professor ao longo do curso da vida, interconectando a vida pessoal e profissional de cada sujeito aprendente”, ou seja, durante todo o curso essa professora adquiriu conhecimentos, mas também conviveu com outras pessoas, que tem outras histórias de vida.

Analisando como o curso de História contribuiu para sua formação enquanto professora, Violeta disse que “foi muito bom o curso, pois aprendi muito sobre a história em si, mas o maior significado foi a história de vida das pessoas”, nota-se que a fala da professora demonstra que ela não aprendeu apenas conteúdos ligados a essa disciplina, mas também valorizar o ser humano em suas diversidades e particularidades, o que acaba influenciando-a também no seu cotidiano fora da sala de aula. De acordo com Silva (2015, p.57):

Essa nova perspectiva de enxergar o professor como sujeito que não está desconexo da realidade, tendo seu conhecimento entrelaçado às diversas experiências com outros sujeitos (colegas de profissão, por exemplo), contribuiu para a sua visibilidade, fazendo com que novas questões fossem problematizadas, inclusive a própria formação desse sujeito.

Em todo o curso da Parcelada, essa professora pôde ter contato com outros profissionais que já atuavam na educação, alguns que tinham mais, outros menos experiências, assim como os professores que ministravam aulas e diversos conteúdos. Com todos esses indivíduos ela pôde trocar conhecimentos, experiências, avaliar sua prática em sala de aula e buscar se qualificar para oferecer um melhor serviço a sociedade, o que age não apenas em sua profissionalização, mas na sua satisfação como ser humano, de sentir-se bem em fazer algo com excelência.

Violeta cita que as aulas da Parceladas aconteciam nos fins de semana (sábado) e nos meses de férias (janeiro e julho) e teve duração de três anos, citando que essas aulas “eram trabalhadas de forma diversificada, o professor expunha a aula, nós realizávamos apresentações de aulas, eram realizadas conforme a universidade mesmo”.

A professora disse que após a conclusão do curso da Parcelada em História foi possível perceber possíveis alterações em sua prática pedagógica, já que “foi melhor, pois sentíamos mais aptos a lecionar, pois tínhamos nos capacitado”. Moita (2007, p.115) ressalta que,

Ninguém se forma no vazio. Formar-se supõe troca, experiência, interações sociais, aprendizagens, um sem fim de relações. Ter acesso ao modo como cada pessoa se forma é ter em conta a singularidade da sua história e, sobretudo, o modo singular como age, reage e interage com seus contextos.

Isto quer dizer que as experiências e lembranças que Violeta traz da Parcelada, podem não ser as mesmas que outros alunos tem desse curso, mas todas são significativas para a pessoa e para a profissional que se propôs a esse curso e conseguiu terminá-lo com sucesso.

Violeta também cita alguns pontos negativos e positivos em relação ao curso de Parcelada em História, dizendo que como pontos positivos “tirou nossa inibição de estar na frente de outras pessoas; Foi ótima, pois nunca iria fazer faculdade” e como pontos negativos “o governo nos proporcionou isso, mas não podíamos aposentar logo que terminasse, tínhamos que pagar com alguns anos de serviço; Foi muito rápido o conteúdo estudado; E cansativa por causa do tempo corrido”. São questões que chamaram a atenção dessa professora por trazer dificuldades, mas também pelos benefícios que trouxe a sua vida pessoal e, conseqüentemente, profissional e assim, “[...] hoje sabemos que não é possível separar o eu pessoal do eu profissional, sobretudo numa profissão fortemente impregnada de valores e de

ideais é muito exigente do ponto de vista do empenhamento e da relação humana” (NÓVOA, 2007, p.9).

A experiência da Parcelada possibilitou que Violeta obtivesse uma titulação de curso superior, porém, muito mais do que isto, garantiu que ela se sentisse mais qualificada para desempenhar o seu trabalho, que conhecesse outras pessoas, com outras experiências de vida e de profissão, vencendo sua inibição, as dificuldades de concluir um curso superior e assim, gerando uma história que impactou não apenas sua vida profissional, mas também sua vida pessoal.

Outra professora também entrevista foi a Orquídea, que nasceu em Catalão (GO) e reside no município de Urutaí. Seus estudos iniciaram-se no Grupo escolar Dr.Vasco dos Reis Gonçalves nesta cidade e sua escolha pela profissão docente ocorreu pelo que ela chama de vocação, trajetória esta que se iniciou em 1982 onde a entrevistada disse que “tinha noção e me preparei antecipadamente” para profissão, preparação esta que ela disse ter conseguido através do curso de Contabilidade e Magistério. Para Nunes et al (2012, p.10), o professor é uma figura de extrema importância na sociedade, sendo que:

Alta e importante é a missão do mestre. “E’ o segundo pai”. Esta expressão bem resume a grandeza da influencia que elle exerce na vida do individuo e da sociedade. [...] Escola e família; mãe, pai e mestre entidades inseparáveis, trilogia sublimada, afirmação exalante de teu valor (CALDAS, 1935 apud NUNES et al, 2012, p.10)

É por isto que a docência precisa vir acompanhada não apenas de qualificação, mas do gosto pelo que se faz, pois não basta que o professor busque conhecimentos e desenvolver habilidades para atuar em sala de aula, se ele não gostar do que faz, é essa “vocação”, esse amor pela profissão que faz com que esse professor não se contente apenas com o que sabe ou com os métodos de ensino que domina, mas esteja, constantemente buscando novas experiências e aprendizagens que possa colocar em prática em sala de aula.

Diferentemente da professora Violeta, a professora Orquídea afirmar sentir saudades do tempo em que era professora, pois “sempre fui apaixonada pelo ensino escolar”, sendo que já está aposentada há 8 anos, tendo dedicado mais de 26 anos de sua vida para a profissão docente. Nunes et al, (2012) considera que durante esse percurso de vida como professor, esse profissional desempenha diferentes funções na vida do aluno, o que não envolve apenas o educar, mas muitas vezes, até a função de cuidar. Assim,

Mestre atual, o amigo, o guia, o conselheiro, o psicólogo que vê na personalidade alheia um reflexo de si mesmo. E como não é tremenda a responsabilidade do mestre que, pela natureza de sua missão, vive em contacto com a mocidade, a palavra que resume todo mundo (RIBEIRO, 1935 apud NUNES et al, 2012, p.11).

A professora falou sobre o processo de escolha do curso de História na modalidade Licenciatura Plena Parcelada e não de outra modalidade do curso, dizendo que “sempre gostei de ter conhecimentos sobre o passado da humanidade, entender o presente”, além disto, a escolha pela Parcelada pode ter sido uma opção pelo fato de que por ter aulas apenas aos fins de semana e períodos de férias, não traria maiores empecilhos para o trabalho da professora, pois poderia ser algo bem cansativo trabalhar durante o dia e ainda estudar durante o período noturno e muitas vezes, os professores também atuam em período noturno, o que tornaria totalmente inviável um curso regular.

Quando a professora Orquídea iniciou o curso da Parcelada já estava há cerca de 20 anos fora da sala de aula como estudante e considera que “fui consciente do conteúdo e mais ou menos tinha uma ideia do que iria ver nesse curso” e como dificuldades para a frequência no curso, ela cita a questão do transporte, pois morava em Urutaí e a Parcelada era em Pires do Rio, além da rapidez com a qual os conteúdos eram trabalhados, já que não havia tanto tempo como em um curso regular para que os conteúdos fossem trabalhados. Novamente a história de formação do professor se envolve com sua história de vida, pois para participar de cursos como a Parcelada, muitos professores precisaram enfrentar a falta de transportes e as dificuldades da locomoção de um município para o outro.

Tanto a questão da dificuldade de locomoção como os dias de estudo são lembranças que marcaram a memória de Orquídea diante desse curso de formação. Souza (2007, p.62) considera que:

A lembrança remete o sujeito a observar se numa dimensão genealógica, como um processo de recuperação do eu, e, a memória narrativa, como virada significante, marca um olhar sobre si em diferentes tempos e espaços, os quais se articulam com as lembranças e as possibilidades de narrar experiências.

Essas e outras experiências marcaram a vida das entrevistadas, pois foi um momento em que não apenas tiveram contato com novos conhecimentos, mas que abriram mão de momentos com suas famílias, de descanso, entre outras atividades para dedicar-se a sua profissão, a busca de novos conhecimentos que pudessem qualificá-las melhor para a profissão que escolheram.

Assim como a professora Violeta, Orquídea considera que o curso de História tenha contribuído decisivamente para sua formação enquanto professora, uma vez que “foi à base para melhorar minhas aulas, me aprimorando cada vez mais, pois o curso deu um bom caminho para desenvolver um ótimo trabalho com o aluno”.

Orquídea considera que as aulas da Parcelada eram normais, assim como em outros cursos e exalta a competências dos professores formadores, onde “com equipe competente que valorizam-nos muito. Eram desenvolvidas boas aulas, apesar do pouco tempo, mas o método usado foi objetivo e eficaz como no curso regular”. Novamente chama-se a atenção para a questão do pouco tempo de formação do curso e por isto, os alunos aparentemente dedicavam-se tanto a aprendizagem e valorizavam esse processo de formação, pois era pouco tempo para aprender muitos conteúdos e desenvolver habilidades necessárias para que pudessem atuar em sala de aula. Quando se conhece e compreende as perspectivas apresentadas por esses professores,

[...] apesar de todas as fragilidades e ambigüidades, é inegável que as histórias de vida têm dado origem a práticas e reflexões extremamente estimulantes [...]. O movimento nasceu no universo pedagógico, numa amálgama de vontades de produzir um outro tipo de conhecimento, mais próximo das realidades educativas e do cotidiano dos professores (NÓVOA, 2004, p. 19).

Ou seja, a visão de Orquídea, de Violeta e de tantos outros professores sobre o curso de formação do qual participaram pode trazer uma visão muito mais clara do que referenciais teóricos sobre esse tema, pois demonstra a percepção real desses cursos, podendo compreender diferentes visões sobre uma mesma realidade.

Analisando os resultados desse seu processo de formação, a professora Orquídea disse que “houve após a conclusão uma nova visão de ministrar aula, pois compreendi melhor a evolução passado, presente e futuro, levando o aluno a apreender melhor principalmente vendo o mundo com outros olhos, criticando-o no bom sentido”. Esse é o objetivo da formação continuada na vida do professor, levá-lo a buscar novos conhecimentos, aprimorar sua prática, refletir sobre o trabalho que vem desenvolvendo e desenvolver melhorias no mesmo, por isto,

Mas o educador, como o sociólogo, tem necessidade de uma cultura múltipla e bem diversa; ele deve ter o conhecimento dos homens e da sociedade em cada uma de suas fases, para perceber, além do aparente e do efêmero, "o jogo poderoso das grandes leis que dominam a evolução social", e a posição que tem a escola, e a função que representa, na diversidade e pluralidade das forças sociais que cooperam na obra da civilização. (MANIFESTO DOS PIONEIROS..., 1932 apud NUNES et al, 2012, p.07)

A professora Orquídea diz não ter notado nenhum tipo de aspecto negativo no curso da Parcelada, uma vez que “minha vontade de aprender era imensa e vi somente com olhos positivos, o que para mim valeu muito, se pudesse me aprofundaria com outros cursos”. A vontade gera um processo de dedicação que amplia a aprendizagem do aluno e por isto, tanto Orquídea como Violeta são pessoas que demonstraram valorizar o processo da Parcelada pelas contribuições à sua formação, para que obtivessem uma qualificação que consideram necessária para sua vida profissional.

Esses professores em formação não tiveram contato apenas com outros professores em formação, mas também com professores formadores, com quem puderam adquirir novos conhecimentos, assim como trocar experiências importantes para sua formação e prática profissional, o que veremos a seguir.

## **2.2 O Olhar dos Professores Formadores**

As experiências dos professores formadores diante da Parcelada também é algo muito importante, pois eles estiveram em contato com um público-diferenciado, já que eram indivíduos que já trabalhavam na educação e que por isto, diferenciavam-se daqueles que participam de cursos regulares, tanto em relação aos conhecimentos que possuíam, as experiências profissionais e de vida como os objetivos que pretendem alcançar.

O professor Cravo ministrou mais de 15 disciplinas no curso de Parcelada, tanto no município de Pires do Rio como de Porangatu (GO), entre elas as disciplinas de História, Psicologia da Educação, Ensino da Educação, Ciências Sociais e Métodos de Pesquisa Científica. Já a professora Margarida ministrou quatro disciplinas no curso de Parcelada em História, são as disciplinas de Didática Geral, Didática de História, Estágio Supervisionado e Psicologia da Educação.

Ao ministrar aula para o curso de História dentro da modalidade “Parcelada”, o professor Cravo analisou o nível de aprendizagem dos universitários naquele momento e disse haver uma deficiência na aprendizagem de universitários oriundos de Supletivo e Educação de Jovens e Adultos (EJA).

Na perspectiva da professora Margarida, “alguns poucos alunos fracos, porém muito esforçados. Como eram professores atuantes muito dedicados”. Ao ter contato com esses alunos, o professor também está em formação, pois troca com os mesmos conhecimentos e adquire ainda mais experiências a serem colocadas em prática em sala de

aula. Diante disto, Carbone (2013, p.18) considera que “o trabalho do educador é árduo e complexo e desafiador, porque envolve questões das mais variadas no que concerne à educação, tendo que em vista ser distinta da educação para as crianças ou adolescentes, no ensino regular”. Ou seja, ministrar aulas para o ensino superior já é algo diferente de outros níveis de ensino e para alunos que, em muitos casos, já são professores e que tem uma experiência profissional, é um desafio ainda maior.

Para ministrar essas aulas o professor Cravo disse que “as aulas eram planejadas dentro do plano de curso e das bibliografias básicas e optativas”. De acordo com a professora Margarida as aulas eram planejadas e executadas “em aulões. No primeiro momento teoria e no segundo prática, oficinas, seminários”. Apenas os conhecimentos teóricos não seriam o bastante para a formação destes profissionais, era preciso que eles também tivessem contato prático com os conteúdos e com a forma como os mesmos deveriam ser trabalhados em sala de aula, afinal, esse era o intuito do curso, formar professores. Por isto, Carbone (2013, p.18) considera que “é através do estudo, da teoria e da prática que o educador se ajudará e poderá ajudar os educandos no processo de aprendizagem, que por certo período vivenciará, caso já atuou ou atue na educação [...], de uma nova visão de ensino, uma nova realidade”. Assim, trazendo novas perspectivas para esses profissionais em formação.

O professor Cravo também falou sobre a diferença entre o curso de História na modalidade Parcelada e o curso regular, dizendo que:

Havia muita diferença entre o curso de História e a modalidade Parcelada. Os acadêmicos do curso de História Regular faziam os 4 anos dentro de um planejamento da matriz curricular, de forma atendendo a carga horária e os conteúdos distribuídos semanal, mensal e anual. Em relação à Parcelada de História concentravam as aulas nas férias e nos finais de semana. Comprometendo bastante a assimilação e a sua aprendizagem, motivada pela alta concentração de horas estudadas durante a parcelada. Prejudicando na Parcelada a aprendizagem e compreensão dos conteúdos.

Para a professora Margarida a grande diferença entre o curso da Parcelada e o curso Regular de História é que “a grande maioria eram professores da rede, tinham mais interesse e muita facilidade das aulas práticas”. A compreensão dessas questões é de suma importância para a atuação diante desse público, pois ele é muito diferenciado daquele dos cursos regulares de ensino e por serem pessoas que dedicam-se a estudar aos fins de semana e até mesmo em períodos de férias, demonstra claramente como valorizam e precisam desse processo de formação. De acordo com Demo (2002, p.17):

Supõe-se que o professor se interesse por cada aluno, busque conhecer suas motivações e seus contextos culturais, estabeleça com ele um relacionamento de confiança mútua, tranquila, sem decair em abusos e democratismos. Trata-se sempre de aprender junto, instituindo o ambiente de uma obra comum, participativa. A experiência do aluno será sempre valorizada, inclusive a relação natural hermenêutica de conhecer a partir do conhecido.

Nessa perspectiva, o professor que ensina repassa seus conhecimentos e experiências aqueles que estão fazendo parte da Parcelada, mas também aprende com suas experiências, pois muitos desses profissionais, como é o caso da entrevistada Violeta, por exemplo, já eram professores quando foram fazer parte desse curso e que, por isto, carregam consigo inúmeros conhecimentos e experiências que puderam enriquecer o processo de ensino e aprendizagem da Parcelada.

Apesar de ser um público adulto e não haver as mesmas dificuldades de trabalhar com crianças e jovens, o professor Cravo cita que a maior dificuldade em ministrar aulas para o público específico da Parcelada em História é que “alguns acadêmicos estavam muitos anos fora do ensino” e isto traz grandes implicações ao seu processo de aprendizagem e também ao processo de ensino desenvolvido pelo professor. Já a professora Margarida citou não ter nenhum tipo de dificuldade em ministrar aulas para esse público. Essas particularidades do público-alvo da Parcelada precisavam ser respeitadas para que fosse desenvolvido um processo de formação de qualidade e assim sendo, Gadotti (2008, p.17) considera que:

No mínimo, esses educadores precisam respeitar as condições culturais do aluno. Eles precisam fazer o diagnóstico histórico-econômico do grupo ou comunidade onde irão trabalhar e estabelecer um canal de comunicação entre o saber técnico (erudito) e o saber popular.

Ou seja, as aulas precisam ser planejadas e estruturadas de acordo com o público no qual serão desenvolvidas, levando em consideração a qualificação desse público, as deficiências que podem apresentar, as habilidades e competências que se pretende desenvolver, para que assim, o processo de formação tenha um impacto mais amplo sobre esse público.

O professor Cravo citou alguns aspectos negativos sobre o curso de História na modalidade Parcelada referindo-se a má formação pedagógica e da didática na graduação da modalidade Parcelada em História, isto porque a carga horária era pequena para a quantidade de conteúdos e atividades que precisavam ser realizadas; a falta de cobrança pedagógica e didática do acadêmico da modalidade Parcelada. Já em comparação ao curso Regular de

quatro anos havia plena e total cobrança do acadêmico de história durante o curso, portanto, a maior diferença entre essas duas modalidades de ensino.

A professora Margarida cita como ponto negativo das aulas da Parcelada o fato de serem ministradas aos fins de semana, o que gera mais desgaste ainda nos estudantes, pois são pessoas que, geralmente trabalham durante toda a semana, já possuem cargas horárias bastante extensas e que precisam tirar o pouco tempo que lhes resta para o lazer e para a família para participar de um novo curso de formação. Silva (2015, p.93) considera que “esta formação, por sua vez, extrapola uma concepção puramente oficial, propiciando a reflexão sobre algo ligado ao longo curso da vida, envolvendo tanto a vida pessoal quanto profissional de cada sujeito” e por isto não se pode separar o profissional em formação da pessoa, do ser humano por trás desse processo.

Para a professora Margarida o ponto mais positivo no curso da Parcelada era o interesse dos alunos, pois em geral, eram profissionais que já estavam atuando em sala de aula e buscavam melhor sua qualificação.

Já sobre os pontos positivos desse curso de História na modalidade Parcelada, o professor Cravo cita que é um curso que pode proporcionar graduação na área de História; inserir o acadêmico da modalidade da Parcelada de História no mundo didático e pedagógico do ensino aprendizagem e também possibilita o acesso no plano do magistério.

Fica claro que são diferentes visões sobre um mesmo curso e isto baseia-se nas diferentes pessoas que dele participaram, que trouxeram consigo histórias de vida diferenciadas, desejos, conhecimentos, perspectivas, estas que passaram a conviver com outras visões, outras metas, em torno da busca por uma formação superior, da qualificação para atuação profissional e para levar para a educação uma proposta de ensino de maior qualidade.

Se para os professores em formação essa foi uma experiência impar e decisiva para sua atuação em sala de aula, para os professores formadores foi à oportunidade de ter contato com um público diferenciado, vencendo dificuldades na exposição de conteúdos, construindo novas experiências com esse público que já tinha suas próprias histórias e estavam construindo um novo caminho com esse processo de formação.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

A formação docente é um processo de grande importância na vida de um profissional da educação, pois é o momento em que ele adquire conhecimentos, desenvolve habilidades e competências que serão utilizados em sua atuação em sala de aula, mas que não se finda com os cursos de formação inicial, mas estende-se por cursos de formação continuada e na busca do professor de adquirir novos conhecimentos de forma contínua para que assim possa oferecer aos alunos um processo de ensino e aprendizagem de qualidade.

Essa formação docente irá entrelaçar-se com a própria história de vida do professor, pois o que acontece com ele fora da sala de aula, suas particularidades, individualidades, sonhos, perspectivas irão influenciar não apenas em seu processo de formação, como também na sua prática quando ele se tornar um professor e desenvolver o seu trabalho nas instituições de ensino, por isto, quando se pesquisa sobre formação docente, é preciso também atentar para a história de vida dessas pessoas.

A pesquisa que envolveu os egressos e professores da Parcelada em História ministrada em Pires do Rio (GO) demonstrou diferentes perspectivas sobre um mesmo curso, pois os professores que atuaram diante desse público demonstraram que alguns encontram dificuldades nesse processo, outros não, que os pontos negativos percebidos por um, podem não ser os mesmos apontados por outros e isto decorre das diversas experiências que a atuação nesse curso proporcionou a esses indivíduos.

Em relação aos alunos egressos, a Parcelada foi uma oportunidade de que essas pessoas tivessem acesso a um curso superior, muitas delas estando há anos longe da sala de aula como alunos, mas já atuando como professores, o que deu origem a diferentes experiências, na aquisição de conhecimentos, no contato com outros profissionais que eram estudantes ou que estavam ministrando as aulas, nas dificuldades de estudar aos fins de semana e momentos de férias, quando deveriam estar descansando e tendo contato com suas famílias.

Essas e outras experiências proporcionam diferentes visões do professor sobre a docência, agindo sobre sua identidade profissional e interferindo em suas vidas também fora da sala de aula, pois esse profissional também é um ser humano e tudo o que é vivenciado dentro ou fora da sala de aula acabam refletindo nele como indivíduo e como profissional, dando origem a diferentes histórias de vida, marcadas por um contínuo processo de formação.

É preciso considerar também as experiências dos professores formadores, pois esses indivíduos tiveram contato com outros profissionais docentes, que já traziam

experiências profissionais e que eram um público bem diferenciado daquele com quem estavam acostumados. Foi à oportunidade de trocar experiências, de adquirir novos conhecimentos, mas também de vencer dificuldades, especialmente pelo pouco tempo para trabalhar muitos conteúdos com esses professores em formação.

Fazer parte de um curso que tem carga horária menor que um curso regular, onde são ministradas aulas durante os fins de semana e durante férias e para um público que já tem experiência em sua área de atuação é algo que possibilita novas e importantes experiências tanto para professores formadores como em formação, pois são indivíduos que carregam consigo conhecimentos, experiências, desejos e objetivos, que faz deles profissionais e pessoas diferentes entre si, em histórias de formação e de vida que se entrelaçam.

## REFERÊNCIAS

- ABRUCIO, Fernando Luiz. **Formação de professores no Brasil: diagnóstico, agenda de políticas e estratégias para a mudança.** São Paulo: Moderna, 2016.
- ALHEIT, Peter; DAUSIEN, Bettina. “Processo de formação e aprendizagens ao longo da vida”. In: **Educação e Pesquisa**, São Paulo, v.32, n.1, p. 177-197, jan./abr. 2006.
- BARBOSA, Carolina Silva. História de vida de professores – aposentados, atuante e desistente – em Palmelo-Goiás. Monografia ao curso de História da Universidade Estadual de Goiás, Câmpus Pires do Rio, 2015.
- BRAGANÇA, Inês Ferreira de Souza. **Histórias de vida e formação de professores: diálogos entre Brasil e Portugal.** Rio de Janeiro: Ed. UERJ, 2012.
- BRASIL. Ministério de Educação e Cultura. **LDB - Lei nº 9394/96**, de 20 de dezembro de 1996.
- BUENO, Belmira Oliveira. O método autobiográfico e os estudos com histórias de vida de professores: a questão da subjetividade. **Educação e Pesquisa**. vol. 28 nº 1 São Paulo Jan/Jun 2002.
- BURNIER, Suzana et al. Histórias de vida de professores: o caso da educação profissional. **Revista Brasileira de Educação**, v. 12 n. 35 maio/ago. 2007, p.343-358.
- CATANI, Denice Barbara, BUENO, Belmira e SOUSA, Cyntia. O amor dos começos: por uma história das relações com a escola. **Cadernos de Pesquisa**. Nº 111, p. 151 - 171, dez. 2000.
- CAMPOS, Ana Maria. **História de Vida de Professoras Aposentadas.** Monografia apresentada ao curso de História da Universidade Estadual de Goiás, Câmpus Pires do Rio, 2013.
- CARBONE, Solange Aparecida Beletato. **Dificuldades de aprendizagem na educação de jovens e adultos: uma reflexão com alfabetizadores do EJA.** Monografia apresentada ao curso de Pós Graduação em Educação: Métodos e Técnicas de Ensino, Pólo UAB município de Goioerê, Modalidade de Ensino a Distância, da Universidade Tecnológica Federal do Paraná – UTFPR – Câmpus Medianeira. Medianeira, 2013.
- CUNHA, M. Isabel da. **Conta-meagora! As narrativas como alternativas pedagógicas na pesquisa e no ensino.** Caxambu-MG. Texto apresentado na 19a. ANPED, 1996.
- DEMO, Pedro. **Educar pela pesquisa.** 5. ed. Campinas, SP: Autores Associados, 2002;
- DUBAR, Claude. **A socialização: construção das identidades sociais e profissionais.** Porto: Porto Editora, 1997.

FERRAROTTI, F. **Las histórias de vida como método.** Acta Sociológica, n.56, septiembrediciembre, 2011, p.95-119. Disponível em <<http://www.revistas.unam.mx/indez.php/ras>>. Acesso em: 23-01-2012.

GADOTTI, Moacir; ROMÃO, José E. (orgs.). **Educação de Jovens e Adultos: Teoria, Prática e Proposta.** 10. ed. São Paulo: Cortez: Instituto Paulo Freire, 2008;

JOSSO, Marie-Christine. **Experiências de Vida e Formação.** São Paulo: Cortez, 2004.

JOSSO, Marie-Christine. **Experiências de vida e formação.** 2ª ed. São Paulo: Paulus, 2010.

KRAMER, Sônia; SOUZA, Solange J. **Histórias de professores: leitura, escrita e pesquisa em educação.** São Paulo: Atica, 1996.

LOPES, Igor Gonzaga. **Professores aposentados: lembranças do Magistério Exercido na Zona Rural.** Monografia apresentada ao curso de História da Universidade Estadual de Goiás, Câmpus Pires do Rio, 2014.

MATOS, Priscila Santos de Matos. **História de vida de uma professora aposentada.** Monografia apresentada ao curso de História da Universidade Estadual de Goiás, Câmpus Pires do Rio, 2016.

MOITA, M. da C. Percursos de formação e de trans-formação. In: NÓVOA, A. (Org). **Vidas de Professores.** Porto-Portugal: Porto Editora, 2007.

MORAES, Ana Alcídia de Araújo. Histórias de vida e autoformação de professores: alternativa de investigação do trabalho docente. **Pró-Posições**, v.15, n.2, maio/agosto de 2004.

**Município de Urutaí.** Disponível em <<http://www.cidade-brasil.com.br/municipio-urutai.html>>. Acesso em 19 de outubro de 2017.

**Município de Pires do Rio.** Disponível em <<http://www.cidade-brasil.com.br/municipio-pires-do-rio.html>>. Acesso em 18 de novembro de 2017.

NEUBAUER, R., PISANESCHI, L.S., CRUZ, N. O Conselho Estadual de Educação de São Paulo: papéis frente à formação de professores. In: MELLO, G. N. (et al.). **Conselho Estadual: 50 anos de normas e políticas educacionais.** SP, CEE-SP: SE, 2014.

NÓVOA, Antônio; FINGER, Matthias (org.). **O método (auto)biográfico e a formação.** Lisboa: Ministério da Saúde, 1988.

\_\_\_\_\_. “Os professores e as Histórias da sua vida”. In: NÓVOA, António (org.) **Vidas de professores.** Portugal: Editora Porto, 1992.

\_\_\_\_\_. **Os professores e a sua formação.** 2 ed. Lisboa: Dom Quixote, 1995.

\_\_\_\_\_. Prefácio. In: JOSSO, Marie Christine. **Experiências de Vida e Formação.** São Paulo: Cortez Editora, 2004. p.11-34.

\_\_\_\_\_. **Vidas de Professores.** Porto-Portugal: Porto Editora, 2007.

NUNES, Maria Lúcia da Silva. **Vocação, missão, profissão:** a docência na visão de educadoras paraibanas. 2012. Disponível em <[http://www.histedbr.fe.unicamp.br/acer\\_histedbr/seminario/seminario9/PDFs/1.25.pdf](http://www.histedbr.fe.unicamp.br/acer_histedbr/seminario/seminario9/PDFs/1.25.pdf)>. Acesso em 02 de dezembro de 2017.

PIMENTA, S.G. **Formação de professores:** Identidade e saberes da docência. In: PIMENTA, S.G. (Org.) Saberes pedagógicos e atividade docente. São Paulo: Cortez, 1999.

MEIHY, José Carlos Sebe Bom. **Manual de história oral.** São Paulo: Loyola, 1996.

POLON, Sandra Aparecida Machado. As Histórias de Vida na Formação de Professores. **Anais do IX Congresso Nacional de Educação (EDUCERE)**, 2009.

QUEIROZ, Maria Isaura Pereira de. Relatos Oraís: do “indizível” ao “dizível”. In.: SIMSON, Olga de Moraes Von (Org.). Experimentos com história de vida. São Paulo: Vértice/ **Revista dos Tribunais**, 1988. p. 14-43.

SILVA, Rubislei Sabino da. **A formação docente em Goiás na Perspectiva do Egresso do Curso de Licenciatura Plena Parcelada em Pedagogia (2000-2007).** Dissertação (Mestrado em Educação) Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade Federal de Goiás – Regional Catalão. Catalão, 2015.

SOUZA, Elizeu Clementino de. A arte de contar e trocar experiências: reflexões teórico-metodológicas sobre história de vida em formação. **Revista Educação em Questão**, Natal, v. 25, n. 11, p. 22-39, jan./abr. 2006.

\_\_\_\_\_. **(Auto) biografia, histórias de vida e práticas de formação. 2007.** Disponível em <<http://books.scielo.org/id/f5jk5/pdf/nascimento-9788523209186-04.pdf>>. Acesso em 01 de dezembro de 2017.

ZAGO, N.; CARVALHO, M. P. de; VILELA, R. A. T. (Orgs.). **Itinerários de pesquisa:** perspectivas qualitativas em Sociologia da Educação. Rio de Janeiro: DPA, 2003.